

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT02.019

LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA REGIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO NA EMEIF CLÁUDIO MARTINS, FORTALEZA - CE

MAEVY DOS SANTOS BRITO

Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará- UFC, britomaevy@email.com;

RESUMO

Analisar o espaço escolar é de extrema relevância para o docente em processo de formação, para que a construção do saber didático seja feita de maneira bem fundamentada, amparada não somente em um amplo saber teórico-metodológico como também na realidade das salas de aulas brasileiras. Tendo isso em vista, a pesquisa teve como objetivo analisar a relação entre cultura regional e o ensino de Geografia, com ênfase em sua pluralidade e fazendo uso da Literatura de Cordel no processo de aprendizagem. Fundamentou-se teoricamente em autores das áreas de educação e de cultura como Straforini (2004), Forquin (1993) e Vessentini (1999). Utilizou-se o método qualitativo, tendo como objeto de estudo a Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Cláudio Martins, a qual fica localizada no bairro da Parangaba, em Fortaleza, Ceará. Desse modo, foi trabalhada com uma vertente artística, priorizando o saber empírico dos estudantes. Para isso, foi aplicada a observação participante como método, em duas turmas de séries distintas de 8º e 9º anos, durante a experiência do Estágio Curricular Supervisionado. Como resultado, foi visto que a relação entre estudante e cultura regional que está em defasagem, tanto por conta do fenômeno da globalização quanto pelos conteúdos dos livros didáticos se encontram estatizados em um molde que não abraça o potencial que a cultura regional tem no processo de aprendizagem de Geografia entre os jovens. Potencial esse que pode ser possibilitado dentro dos limites da realidade das escolas brasileiras, posto suas tantas limitações, por utilizar materiais simples. Materiais os quais podem ser utilizados por docentes de diferentes áreas do ensino, também explorando a tão necessária interdisciplinaridade.

Por fim, entendeu-se também que parte da função do docente é buscar complexidade didática na simplicidade de materiais, sempre na intenção de alcançar o aprendizado pleno dos estudantes.

Palavras-chave: Geografia, Valorização cultural, Educação, Literatura de Cordel, Didática.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira tem na sua construção histórica uma série de problemas que fazem com que seu molde, seu formato e exercício até os dias de hoje atuem de forma incompleta e desconexa da realidade dos discentes, diagnóstico que é feito tanto a partir de análises científicas quanto a partir dos relatos dos estudantes. Conforme Straforini (2004), a Geografia pode se encontrar em crise e é partindo desse levantamento teórico que se mostra necessário compreender essa crise em sala de aula.

Nesse ensejo, os problemas supracitados envolvem o currículo, perpassando pelos materiais didáticos deficientes e por vezes até ausentes, as precárias infraestruturas das escolas, entre outros aspectos que alcançam até a formação dos docentes nas licenciaturas antes de chegarem até a sala de aula. Analisar as problemáticas se faz necessário à medida que se busque paralelamente meios de otimizar o ensino, desviando dos aspectos que não podem ser alterados e buscando melhorar o que precisa de reformulação ou de um enriquecimento para potencializar o caminho didático dos estudantes.

Nesse ínterim, a pesquisa voltou-se à análise dos potenciais didáticos da cultura no ensino de Geografia, dentro dessa contextualização de problemáticas. Com esse sentido, a ferramenta cultural a ser explorada foi a literatura de Cordel, que faz parte do imaginário e da vivência da região Nordeste, a qual possui uma imensa potência social e que pode auxiliar os estudantes na construção dos seus sentidos particulares de Lugar, conceito tão importante da Geografia.

Essa relevância se faz tanto do ponto de vista conteudista, por perpassar por vários dos conceitos bases da Geografia, quanto no sentido de explorar o senso de regionalização dos estudantes. Posto que por conta da globalização e do amplo acesso a informações do mundo todo através da internet, os estudantes se veem cada vez mais distantes daquilo que lhes são mais próximos, como as festividades, literaturas e cultura regional como um todo. Nesse ínterim, a literatura de cordel ainda conversa com as outras matérias do currículo escolar, como português e história, exercitando a necessária interdisciplinaridade.

Esses e outros aspectos são explorados na pesquisa, a qual voltou-se metodologicamente à abordagem qualitativa, na busca de compreender empiricamente a percepção dos estudantes. Partindo disso utilizou-se um passo a passo que, partindo dessa compreensão, se voltasse a utilizar a literatura de Cordel como recurso

didático. Isso de modo a alcançar o objetivo geral da pesquisa que foi analisar a relação entre cultura regional e o ensino de Geografia, com ênfase em sua pluralidade e fazendo uso da Literatura de Cordel no processo de aprendizagem. Os objetivos específicos voltaram-se a compreender o espaço escolar e seus sujeitos, no contexto do ensino público em série de 8º e 9º anos; identificar os potenciais didáticos para o ensino de Geografia; e contribuir para a construção do saber geográfico baseado na cultura regional. O objeto de estudo da pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Cláudio Martins, a qual fica localizada no bairro da Parangaba, em Fortaleza, Ceará.

METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa é qualitativa, a qual proporciona compreensão em profundidade do contexto do problema, o que foi considerado o mais adequado em um ambiente como o escolar que possui tantas variáveis empíricas. Esse é um método indutivo por excelência para entender por que o indivíduo age como age, pensa como pensa ou sente como sente, conforme Gerhardt e Silveira (2009, p.31), o que é de extrema relevância posto que a pesquisa tem como base de dados principalmente a percepção dos sujeitos do ambiente escolar, com enfoque nos estudantes.

Quanto ao passo a passo da metodologia, ela fundamentou-se em quatro etapas, sendo elas: pesquisa bibliográfica-descritiva; observação participante; coleta de dados; e análise dos dados coletados. Sobre a primeira etapa, ela foi feita a partir da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I, que além de fornecer uma boa base de levantamento bibliográfico, com base em autores como Forquin (1993), Mosé (2013), Straforini (2004), Freire (1997), entre outros. As atividades em sala tiveram a intenção de preparar teoricamente a turma para as vivências em sala de aula e a socialização das experiências vividas, que viriam posteriormente com o início do estágio.

Sobre a pesquisa bibliográfica-descritiva, foi desenvolvida a partir da bibliografia da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I, a qual se baseava em autores como Kaercher (2001), Cavalcanti (2002), Carvalho (2003), Pontuschka (2002), Candau (2000) e Moreira (2000). A pesquisa bibliográfica foi iniciada em sala de aula na universidade de modo coletivo sob orientação da professora. As leituras foram feitas e mais desenvolvidas em debate ao longo de 1 mês,

antes do primeiro contato com a escola. Após isso, o estágio iniciou e teve duração de 3 meses, durante os quais o acompanhamento na universidade seguiu sendo feito, com a bibliografia sendo aperfeiçoada durante o curso, com a realização de seminários e atividades avaliativas.

Sobre a etapa de observação participante, ocorreu a partir do início do estágio, o qual foi realizado na EMEIF Cláudio Martins em turmas de 8º e 9º anos, que eram acompanhadas pelo mesmo professor, que também foi supervisor de todo o estágio. Era um dia por semana, com duas aulas de 50 minutos germinadas para cada turma, que resultava em uma vivência de uma manhã inteira na escola, incluindo o período antes da aula, o intervalo e a hora da saída. O que foi de extrema relevância para a análise do espaço escolar como um todo, com suas vivências e peculiaridades do cotidiano.

Sobre a etapa da coleta de dados, posto o caráter qualitativo da pesquisa, foi priorizada a perspectiva empírica dos agentes analisados. Para isso, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, de modo que as perguntas variassem de acordo com a recepção de cada estudante e o interesse que eles demonstrassem em respondê-las. Dessa maneira, distintos formatos de diálogos foram realizados, o que agregou complexidade tanto às entrevistas quanto às análises que foram feitas delas. Assim como o ponto de vista dos estudantes é importante, o mesmo se dá em relação aos outros sujeitos do ambiente escolar, como os professores, coordenadores, diretores e auxiliares de serviço geral, com esse público foram feitas entrevistas estruturadas, de maneira mais direta aos questionamentos.

Além disso, nessa mesma etapa foi feita intervenção que foi colocada em prática, o formato desenvolvido foi de uma dinâmica no período de 100 minutos, a qual foi dividida em três momentos. A primeira parte foi de exposição, onde foi explicado o tema a ser abordado conforme o conteúdo programático da escola, uma breve história da literatura de cordel e como o material é feito, em um período de 35 minutos; a segunda parte foi para eles confeccionarem seus próprios cordéis, com o auxílio supervisionado, em um período de 35 minutos; e a terceira parte foi voltada a conclusão, quando foi solicitado que eles trocassem de cordéis entre si e foi aberta uma roda de conversa, momento em que foi feito um apanhado daquilo que foi confeccionado e foi aberto um debate com ênfase no conteúdo, o que foi moderado e previamente pensado de modo a ter finalidade avaliativa.

Além disso, utilizou-se a pesquisa descritiva, que conforme Gil (1999), tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou

fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis. Por fim, a terceira etapa metodológica, de análise dos dados que, associada a tudo que foi aprendido na primeira etapa, observado na segunda e terceira etapa, buscou descrever a complexidade do ambiente escolar e seus sujeitos, de modo a compreender como a cultura e a Literatura de Cordel poderiam contribuir para os processos de ensino e aprendizagem.

Por fim, foi feita a análise dos dados coletados, a qual primeiramente partiu do debate sobre as experiências, que foram constantemente compartilhadas em sala na universidade durante a disciplina supracitada em formato de roda de conversa. As experiências fomentaram reflexões que auxiliaram na prática do estágio, bem como na construção da pesquisa. Além disso, foi elaborado um relatório de estágio, o qual contemplou todas as etapas da investigação que foi feita, bem como os dados quantitativos e qualitativos referentes à escola e aos envolvidos. O relatório foi submetido como atividade avaliativa principal da disciplina e contemplou também a apresentação dele, que abriu debates enriquecedores sobre as mais distintas experiências que foram vivenciadas na turma. Essa socialização entre os docentes em formação foi muito colaborativa à pesquisa de todos e os resultados foram bastante satisfatórios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Straforini (2004) diz que o ensino de Geografia é fundamental para que as novas gerações possam acompanhar e compreender as transformações do mundo, dando à disciplina geográfica um status que antes não possuía. A partir disso, ao se fazer um parâmetro entre a prática do ensino da Geografia há 10 anos e atualmente, vê-se que nesse curto período, muitos aspectos mudaram no olhar do discente, ao passo que o molde da docência segue o mesmo. Exemplificando, as pautas das conversas mudaram, o modo como eles veem as situações do mundo também. Isso se acentua porque o aluno atual desde o ensino básico costuma estar com o celular em mãos, que é uma fonte inesgotável de informação. Posto isso, deve-se entender que se tem-se estudantes tão diferentes, faria sentido também ter-se um espaço escolar em constante mutação, mas não é o que ocorre. Nem o espaço escolar,

nem a prática de fazer Geografia, nenhum dos dois consegue acompanhar essas modificações cada vez mais rápidas no perfil dos estudantes.

Nesse ensejo, Vesentini (1999) diz que com a globalização - sobre a qual pode-se responsabilizar pela mutação tão constante citada anteriormente - a escola não tem somente a função de desenvolver a inteligência, o senso crítico, a criatividade e a iniciativa pessoal, mas também discutir os grandes problemas do mundo. Nesse exercício, pode-se aproximar o conteúdo da aula a esse enorme contingente informacional recebido por eles cotidianamente. Contudo, o que se vê são conteúdos estatizados, os quais são uma quebra ao fluxo intenso de vínculos informacionais gerados a todo momento pelos discentes.

Com isso, no processo de observação na escola, foram vistos adolescentes agitados física e psicologicamente, bombardeados a todo instante por todo tipo de dados, os quais tinham sempre uma corrente muito intensa de troca de saberes pelos corredores - fossem eles de qualquer natureza -, mas quando chegavam em sala, tudo parava e eles eram forçados a interromper esse fluxo, para absorverem aquilo que estava descrito no livro didático. Como consequência, observou-se estudantes rotulados pelos professores como desinteressados, que estão com a cabeça em todos os lugares menos na sala de aula, e professores rotulados pelos estudantes como “chatos” e “com aulas maçantes”.

Um dos casos observados foi o seguinte: havia acabado de acontecer um furacão de enormes consequências e os estudantes viram a notícia na hora da aula em feeds de noticiários, nisso começaram a debater em conversas paralelas sobre o fato. O professor se incomodou com o falatório exacerbado e começou a brigar com a turma, mesmo tendo um grande potencial de discussão na aula sobre a notícia, posto a similaridade com o conteúdo que estava sendo tratado pelo professor. Tal situação reflete o que Chaves (1988) pontuou ao dizer que

as escolas, enquanto instituições sociais, são muito conservadoras, resistindo sempre, às vezes com vigor, mesmo às mais tímidas tentativas de mudança da ordem estabelecida. Especialmente quando se trata da introdução de inovações tecnológicas, a escola encontra as mais variadas maneiras de resistir.

Considerando essa crítica, a pesquisa volta-se à ideia de que pode ser de considerável potencial agregar à educação e à sala de aula as ferramentas que os estudantes têm acesso constante, de modo a utilizar o máximo de meios possíveis

de se compartilhar conhecimento. No exemplo supracitado, foi relacionado ao uso de tecnologia em sala, mas isso se expande quando se reflete a respeito do repertório cultural que essas tecnologias podem dar acesso. Quando se olha para as ferramentas como possíveis aliadas, se abre um leque de opções didáticas que podem agregar ao processo de ensino aprendizagem e aí o moderno pode criar a ponte até o tradicional.

Contudo, por que criar essa ponte? Porque o mundo globalizado e sua automatização podem lentamente apagar práticas tradicionais riquíssimas culturalmente, sendo que são esses tipos de práticas que delineiam os traços do espaço geográfico, conceito de compreensão tão fundamental no ensino de Geografia. Assim como vários outros conceitos da Geografia podem ser revelados e aprendidos através da cultura, daí a importância de analisar esse potencial e desenvolver metodologias práticas do uso dele.

UMA PARCERIA ENTRE O ENSINO E A CULTURA

Quando se reconhece a cultura como um agente importante a ser incorporado no processo educacional, entende-se que cultura é tudo aquilo vivido pelos estudantes e que os docentes têm como papel fazer uma mediação entre conteúdo teórico e aquilo que eles vivem. Assim, o repertório cultural é intrínseco à essa construção, como pontua Forquin (1993, p.14) ao explicar que

(...) a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas, reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma "tradição docente" que a cultura se transmite e se perpetua: a educação "realiza" a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária de continuidade humana.

É no intuito dessa "reativação incessante" citada pelo autor que se desenvolve a presente pesquisa, posto sua indispensabilidade no processo de construção do saber cidadão dos estudantes. Na cultura são observadas reproduções populares que vêm de séculos de vivências diferentes e se moldam de acordo com seu contexto histórico, logo, a Geografia está em todos esses processos. No momento que uma pessoa analisa uma paisagem, o modo como a representa é seguindo uma leitura de um espaço existente tanto no físico quanto no imaginário, com influências

diversas. Tal imaginário, quando explorado em estudantes, exercita a relação entre teórico e prático que tanto almeja-se despertar.

Para ilustrar, ao ser feito o uso de alguma manifestação artística nordestina para a explicação de algum conteúdo em uma escola localizada na região, exploram-se os mais diversos conceitos geográficos, como paisagem, lugar, região, espaço geográfico e tudo isso valorizando a cultura local e fazendo com que os estudantes se apropriem daquilo que é deles e por vezes não é reconhecido em meio a tantas outras referências as quais eles são expostos. Ainda acima, nos livros didáticos, por serem de produção nacional, não se costuma ver regionalidades exploradas e, desse modo, perdem-se grandes potenciais de ensino.

Ainda cima, os sentidos de regionalização têm se transformado na mente da população por conta da alta exposição a referências mais globais e é necessário um exercício contínuo de despertar do conhecimento tradicional regional. Conhecer a cultura regional de onde se vive é conhecer a si mesmo e a sua ancestralidade no espaço geográfico que não deveria limitar-se ao ir e vir, pode ser estimulado a ser espaço de conhecimento, pertencimento e afeto. Aspectos esses que são necessários na construção da educação plena.

ENTRE PROPOSTAS E PRÁTICAS

Nessa linha cultural, viu-se que havia um projeto na escola observada, relacionado ao cantor cearense Belchior, em que, pelo que foi explanado, os estudantes faziam anualmente exposições referentes a diferentes músicas do cantor. Tais exposições envolviam confecção de cartazes com trechos das músicas, desenhos de referências e, por fim, havia trocas de opiniões e interpretações sobre as canções. Tal socialização, é um recurso didático que Viana (2000, p. 109) diz que

através das letras das canções é possível desvelar todo um universo social construído através do imaginário coletivo da sociedade, que nos auxilia a melhor compreender quem somos no contexto de nossa contemporaneidade e do passado recente de que fomos partícipes.

Tal experiência retoma à cultura posto que é uma atividade artística que contempla o conhecimento através das palavras de um cantor que foi morador da cidade de Fortaleza, que dentro de suas letras desbrava a capital cearense de modo lúdico e pode levar o estudante a conhecer melhor a cidade em que vive. Retomando

ao que foi descrito anteriormente como conhecer o espaço em que se vive, mas de maneira prática, como na letra da canção “Mucuripe” que tem como título o nome de um importante bairro de Fortaleza. Para além de importante na geografia local, trechos como “as velas do Mucuripe, vão sair para pescar” também resgatam a tradição pesqueira tão importante na história cultural da cidade.

Ademais, esse tipo de atividade coloca em prática uma interdisciplinaridade muito construtiva para diferentes matérias, como Língua Portuguesa, História e Geografia. Sobre essa prática, Japiassu (1976, p.74) diz que a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.

Além disso, a semana cultural anual da escola tinha uma proposta construtiva nessa mesma linha, posto que tinha como temática “NO CEARÁ É ASSIM...” e buscava como objetivo “despertar o interesse dos estudantes pelo universo acadêmico, estimular a investigação e o interesse pelo estudo, ampliando o conhecimento de mundo dos alunos e valorizar as várias habilidades dos mesmos”, segundo o informativo da escola. Daí tinham localidades a serem trabalhadas, as quais são: Litoral Leste; Litoral Oeste; Fortaleza; Litoral de Fortaleza; Centro da cidade; Parangaba e a Escola Cláudio Martins; Sertões; Cariri; Canindé; Serras; Maracanaú; e Aquiraz. As mesmas eram divididas entre as turmas, as quais eram separadas em grupos que ficavam responsáveis por temas, sendo eles: moda, música, literatura, esporte, dança, fatos históricos, principais fatos políticos, economia, desenvolvimento científico, hábitos alimentares e personalidades importantes.

Assim, cada professor ficava responsável pela orientação de uma turma diferente. Como a atividade teria seu início antes do último dia de observação, não se pôde observar as apresentações. Entretanto, o professor orientador relatou que se tudo do planejamento do projeto fosse concretizado, seria muito satisfatório, mas não era o que acontecia. Segundo ele, as temáticas não eram bem desenvolvidas, nem tudo era explorado e os alunos não participavam de maneira tão ativa, logo, a ideia era subutilizada e seu enorme potencial era limitado.

Tal fenômeno porventura pode ser consequência do fato de que na execução de projetos culturais, é fundamental articulação e o despertar do sentido protagonista nos estudantes, o que faz muita diferença no engajamento deles. Tal engajamento pode ser alcançado através de linguagem acessível, símbolos, referências ao cotidiano deles, entre outros. Além disso, usar como metodologia de diálogo rodas de conversa, as quais, segundo Moura e Lima (2014), “consistem em

um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo”.

Essa e outras metodologias podem ser desenvolvidas para que projetos como o supracitado possam alcançar seu objetivo de forma plena, de modo a se tornar uma atividade interessante aos olhos dos estudantes, buscando o engajamento deles posto que a ideia já está em voga e é excelente do ponto de vista de potencial didático. A atividade ao ser observada no estágio contribuiu para o entendimento de que o planejamento de atividades, seja curricular ou extracurricular, precisa estar sujeito a ajustes e adaptações. Além de ter demonstrado a lacuna entre proposta e prática, que por vezes é menor ou maior a depender do que foi considerado na proposta. Com isso entendeu-se que quanto mais se dedica pesquisa para o planejamento, mais chances há dele contemplar a complexidade dos estudantes.

A LITERATURA DE CORDEL COMO PROTAGONISTA

Tratar de cultura é tão rico porque há uma gama de portas que podem ser abertas para acessá-la, seja pela música - como no exemplo do cantor Belchior -, pela pintura, pelo cinema, pelo teatro, pela literatura, entre tantas outras. Tudo isso pode ser transformado em ferramenta didática e a escolhida a ser utilizada pela pesquisa foi a literatura, com enfoque na literatura de cordel. A qual é um gênero de poesia envolvendo rimas e ilustrações que se destacam nas impressões vendidas. Conforme Silvio Porfirio et al:

A denominação “cordel” decorre da forma como eram expostos e comercializados em Portugal – os folhetos com os versos eram pendurados em cordões (denominados de cordéis) e expostos em feiras, mercados populares, praças etc. Esse tipo de literatura tem sua origem na península ibérica. (p. 67)

Contudo, no Brasil ele ganhou uma nova roupagem, com as xilogravuras e as narrativas que envolvem a dinâmica da vida nordestina, sendo difundidos principalmente nas cidades do interior da região. A literatura de cordel se tornou parte fundamental da cultura nordestina e se popularizou com sua escrita em formato simples e acessível para toda a população. Ainda conforme Silvio Porfirio op cit:

Os temas abordados envolvem desde a ficção até temas de cunho social, discutidos pela sociedade. Entre eles, podemos destacar: histórias de amor e aventuras (heroísmo), histórias fantásticas, biografias, fome, violência, acontecimentos políticos, assassinatos de pessoas famosas (Getúlio Vargas e Tancredo Neves), problemáticas sociais etc. Entretanto, se destacam os temas relacionados à cultura nordestina, tais como: costumes, a religião (fazendo alusão a Padre Cícero e Frei Damião), cangaço (fazendo referência a Lampião) etc (p. 309).

Geralmente são temáticas de interesse popular que se destacam em rodas de conversa e que ao serem letradas e, principalmente, rimadas em melodia, se tornam ainda mais atrativas ao povo. Os locais onde eles são comercializados também influenciam no teor das obras, posto que geralmente são vendidos em feiras de rua, onde os cordelistas constroem uma aura de poesia ao redor de si, chamando a atenção de qualquer pessoa que esteja passando.

O fato do cordel geralmente ser performado em lugares públicos permite que os transeuntes e espectadores vivenciem o espaço geográfico de uma maneira lúdica e poética, aprendendo sobre o lugar ao passo que auxiliam na construção dele. Outro aspecto é o teor folclórico, o qual carrega em si uma série de referências a fenômenos e elementos da natureza brasileira e pode contribuir para o conhecimento dos estudantes em relação à geografia do Brasil. Por vezes são escritas histórias onde há a descrição de fenômenos meteorológicos, o que auxilia no conhecimento da climatologia do nordeste, bem como do bioma caatinga como um todo.

Trechos de poemas podem enriquecer estudos geográficos, não apenas no sentido meramente ilustrativo, mas como fonte de interpretações. Esse tipo de perspectiva é em muito trabalhada na área da geografia cultural que abrange análises dos objetos do cotidiano, representações da natureza na arte e em filmes até o estudo do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares (MCDOWELL, 1996, p. 159).

Esses são alguns exemplos, mas vários outros podem ser criados, adaptados e aproveitados em sala de aula. O que contribui para o ensino de geografia, mas também dialoga com a problemática de que os jovens em fase escolar estão cada vez mais distantes de conhecer a cultura local e nessa prática é feito o tão necessário resgate à essas raízes populares. Foi tendo isso em mente que a pesquisa buscou analisar esse viés como método didático pedagógico, até de modo a inserir os discentes a esse elemento cultural da região em que a escola se localiza.

A PRÁTICA DO CORDEL

O planejamento foi parte fundamental da elaboração da intervenção que foi colocada em prática, o formato desenvolvido foi de uma dinâmica no período de 100 minutos, a qual foi dividida em três momentos: para exposição, para confecção de seus próprios cordéis e a para a conclusão. Para isso, foram consideradas as orientações da professora orientadora do estágio, bem como as experiências até então na escola, de modo que o perfil das turmas foi analisado e considerado tanto no preparo quanto na execução de cada etapa.

O conteúdo que foi trabalhado no 9º ano foi "Do meio natural, ao meio técnico, científico-informacional" o qual é voltado a compreender a globalização, utilizando como referencial teórico os estudos de Milton Santos. Os temas dos cordéis variaram entre "globo", "globalização", "a conexão entre os distantes", "Milton Santos", entre outros. Os estudantes foram orientados a utilizar palavras-chave associadas ao conteúdo para escolher os temas dos seus cordéis e de modo colaborativo foram criando os textos dentro do modelo de poesia de cordel. Após isso eles se voltaram à xilogravura adaptada aos materiais que eram disponíveis em sala, que foram bandejas de isopor, caneta esferográfica, rolos de pintura, papel e tinta.

Sobre a participação dos estudantes, foram variadas as reações a esse tipo de atividade em uma turma de 9º ano, uns acharam interessante, outros acharam "besteira", conforme relatos. Contudo, no processo de execução todos se viram imersos no universo lúdico que o cordel proporciona e a troca de produções entre eles fez com que o interesse fosse despertado até em quem não estava apresentando muita colaboração inicialmente. Dessa maneira se viu que atividades que fogem do padrão cotidiano das aulas expositivas são chamativas aos estudantes e despertam uma atenção que por muitas vezes se perde na rotina de sala.

No que tange ao retorno didático, além de poder ter contado com a participação da turma como um todo na atividade, ainda pôde ser observado um retorno satisfatório no momento avaliativo. Na roda de conversa alguns foram sorteados a lerem seus cordéis - não sendo possível de todos por conta do tempo - e nesse momento foi surpreendente o potencial poético que muitos apresentaram, bem como o fato de terem conseguido fazer as associações corretas relacionadas ao capítulo estudado. Esse último sendo o enfoque principal, o qual foi atingido de modo satisfatório.

A resposta dos estudantes foi positiva, que demonstraram cumprir os propósitos pedagógicos previamente elaborados para a aula, foram colaborativos na proposta didática, apresentaram compreensão dos conceitos da geografia, com demonstração de senso crítico em relação ao conteúdo do livro didático. Ademais, alguns apresentaram interesse em buscar conhecer mais a respeito de outros tipos de produções culturais regionais e foram compartilhados relatos de intenção de mostrar os cordéis para os familiares e amigos, o que desponta como pequenas redes de influência sobre a questão regional, tendo os alunos como propulsores.

O parecer do professor supervisor foi positivo primeiramente no que tange a participação da turma como um todo, posto que ele enfrentava problemas de comportamento e engajamento nas aulas cotidianas. Com a intervenção ele observou uma mudança geral na turma e demonstrou interesse em desenvolver mais propostas didáticas nesse formato mais colaborativo e, principalmente, com teor artístico-cultural, por conta da resposta da turma. Contudo, a proposta de intervenção enfrentou problemas em sua prática na outra turma do professor, de 8º ano. Não foi possível realizá-la porque o professor relatou estar com o conteúdo programático do bimestre atrasado por conta de problemas de comportamento dos alunos, então não teria tempo para permitir a atividade, o que foi negativo para a pesquisa, mas colaborou de outras maneiras ao aprendizado na formação docente.

Tais situações, tanto a resposta positiva quanto a negativa, demonstraram o que é o contexto da sala de aula, que possui os mais diversos percalços e demandam uma alta capacidade adaptativa dos docentes. Ter observado essa realidade na etapa de estágio de observação foi importante para reflexão e principalmente para a compreensão de que há diferentes realidades em diferentes turmas. Isso é refletido no cotidiano e deve ser considerado na elaboração do planejamento das práticas didáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o espaço escolar constantemente é de extrema importância, contudo é um desafio para o educador por conta das variáveis imensas que compõem a vivência em sala de aula. Tais variáveis envolvem todos os sujeitos do espaço escolar e nem sempre são positivas, colocando continuamente barreiras entre o intuito de educar e o que realmente alcança os estudantes. As problemáticas são muitas

e enfrentá-las faz parte da escolha de ser um educador, contudo o cotidiano torna esse processo cansativo, o que se reflete no ensino e nos estudantes.

Dessa maneira, essa análise ganha um viés complexo, entrelaçado por muitos desafios que só podem ser realmente compreendidos a partir da vivência e da experiência. Foi a partir dessa vivência que se elaborou a presente pesquisa e foi a partir dela que se construiu um olhar mais sincero sobre o que é o espaço escolar. Essa honestidade que a realidade traz por muitos momentos pode ser um tanto negativa, contudo, contra o pessimismo da razão o otimismo da prática (Gramsci, 1979).

Foi nesse intuito que a pesquisa se desenvolveu, identificando as problemáticas a partir da execução do primeiro objetivo específico, que foi compreender o espaço escolar e seus sujeitos, no contexto do ensino público em série de 8º e 9º anos. Esse contexto foi base de tudo que foi elaborado e construído, buscando compreender os estudantes e a vivência deles, para aí sim compor o diálogo e a abordagem mais adaptada possível a eles.

Tal abordagem fez muita diferença na execução dos outros objetivos, o segundo voltava-se a identificar os potenciais didáticos para o ensino de Geografia e isso foi concretizado à medida que a partir das entrevistas e dos diálogos com as turmas, entendeu-se quais potenciais existiam naquele espaço e de que maneira poderia ser abordada a literatura de Cordel de maneira exitosa. O percurso desenvolvido de maneira geral conseguiu chegar ao último objetivo, que era contribuir para a construção do saber geográfico baseado na cultura regional.

Anteriormente foi citada a importância da honestidade ao abordar o espaço escolar, por conta de suas singularidades e foi nessa sinceridade do olhar que se buscou elaborar as ações supracitadas e foi a partir dela que se entendeu que a pesquisa chegou a um propósito satisfatório. O mesmo diálogo que se desenvolveu nos momentos precedentes à ação, também ocorreu no momento de finalização e as respostas foram bastante positivas em relação ao que tinha sido executado e como havia sido colaborativo.

Por fim, é importante lembrar o intuito inicial e fundamental da pesquisa que era contribuir para o processo de formação como docente. Foi visto que a abordagem cultural possui um grande potencial e que assim como a literatura foi utilizada, outros elementos culturais podem ser explorados também, como as artes plásticas e cênicas, abrindo assim uma gama de possibilidades para a vivência docente como um todo.

Os propósitos almejados inicialmente foram conquistados de forma satisfatória e todo o processo revelou minúcias da educação que foram de extrema contribuição para o saber docente. Paulo Freire (1983) resume esse processo ao dizer que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. A sala de aula é plural e o fazer docente precisa abraçar esse aspecto em todos os sentidos possíveis, tendo sido muito proveitosa a experiência do primeiro estágio com esse tanto de bagagem teórica e prática a respeito do ensino, que será levada para todas as outras vivências docentes.

REFERÊNCIAS

BARROS, Dilsom; BARBOSA, Vilma de Lurdes. **A literatura de cordel no ensino de geografia**. Anais do X Encontro de Ensino, 2007.

BELCHIOR. **Mucuripe**. Fortaleza: RGE, 1970. Suporte (3min40seg).

CANDAU, Vara M. (Org.). **Reinventando a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000. 2.
MOREIRA, Antonio Flávio B. (Org.). Currículo: questões atuais. 2a ed. Campinas: Papyrus, 2000.

CARVALHO, Maria Inez. **Fim de Século**. A Escola e a Geografia. 2a ed. Ijuí: Unijuí: 2003.

CARRANO, P. **Juventudes: as identidades são múltiplas**. Movimento-revista de educação, n. 01, 18 dez. 2013.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CAVALCANTI, Lana. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CHAVES, E. O. C. **O Uso de Computadores em Escolas: Fundamentos e Críticas**. 1988. Disponível em: . Acesso em 15 mar. 2015.

CRUZ, Francisco Wilson Soares. **LITERATURA DE CORDEL: DA RIMA POPULAR AO ENSINO DA GEOGRAFIA.** Conexão ComCiência, v. 2, n. 3, 2022.

DE OLIVEIRA, GILCÉLIA SILVA; DE ARAÚJO, MARIA MADALENA MOTA; SANTIAGO, NAIELE CARVALHO. **ENTRE VERSOS, ESTROFES E RIMAS: A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE GEOGRAFIA.** In: Anais do Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias-CINTERGEO. p. 52-53. 2017.

DIAS, Thais Cardoso; VIEIRA, Jessica Luiz; SOMMER, Jussara Alves Pinheiro. **O uso do Cordel no ensino de Geografia.** Anais do Seminário Internacional de Educação (SIEDUCA), v. 2, n. 1, 2017.

EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Zahar, p. 7-24, 2006.

FONSÊCA, Alexandre Vítor de Lima; FONSÊCA, Karen Sheron Bezerra. **Contribuições da Literatura de Cordel para o Ensino de Cartografia.** Geografia - v. 17, n. 2, jul./dez., 2008.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 12a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Professor sim, tia não:** Cartas a quem a quem ousa ensinar, 1997.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. São Paulo: Imago, 1976.

KAERCHER, Nestor André. **Iconoclastia constante na (de)formação de professores de Geografia**. In: DALLA ZEN, Maria I. H.; SOUZA, Nadia G. S. de. *Prática de Ensino na UFRGS*.

LACERDA, F. G.; NETO, G. M. de M. **ENSINO E PESQUISA EM HISTÓRIA: a literatura de cordel na sala de aula**. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História*, [S. I.], v. 7, n. 10, 2010.

MACHADO, Lia Osório. **Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)**. *Geografia: conceitos e temas*, v. 6, p. 309-352, 1995.

MCDOWELL, Linda. **A transformação da geografia cultural**. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. *Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 159-188, 1996.

MENEZES, Welber Alves; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. **O ENSINO DE GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE: o uso da literatura de cordel**. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 5, n. 10, p. 235-257, 2015.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma. Reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MOURA, Adriana Ferro. LIMA, Maria Glória. **A reinvenção da roda: Roda de Conversa: Um instrumento metodológico possível**. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun., 2014.

MOSÉ, Viviane. **A escola e a fragmentação da vida**. In: _____. *A escola e os desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.47-52, 2013.

NILES, R. P.; SOCHA, K. **A importância das atividades lúdicas na Educação Infantil**. *Ágora: revista de divulgação científica*, [S. I.], v. 19, n. 1, p. 80-94, 2015.

PAIS, José Machado. **Buscas de si: expressividades e identidades Juvenis**. In Almeida, Maria Isabel Mendes de & Eugénio, Fernanda (orgs.) Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

PONTUSCHKA, Nídia N.; OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

SALOMÃO, Hérica Aparecida Souza; MARTINI, Marilaine; JORDÃO, Ana Paula Martinez. **A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado**. Portal de psicologia, 2007.

SANTOS, Jordanna Sanzoni Bruno dos. **O lúdico na Educação Infantil**. 2021.

SANTOS, Eyllaine Matias Veloso Ferreira. **O ensino de geografia mediado por folhetos de cordel: identidade e memória cultural**. 2018.

SILVA, Joseilton José de Araújo. **A utilização da literatura de cordel como instrumento didático metodológico no ensino de geografia**. 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

STRAFORINI, Rafael. **Crise na Geografia escolar**. In: _____ Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, p.47-73, 2004.

VESENTINI, José William. **Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação**. A geografia na sala de aula. Tradução. São Paulo: Contexto, 1999.

VIANA, A. M. **A música como recurso didático em Geografia: Uma abordagem da Geografia no cotidiano**. Revista Geografia e Educação: Geração de ambiências – Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.